

Haruki Murakami

KAFKA À BEIRA-MAR

Tradução
Maria João Lourenço

O rapaz chamado Corvo

«Com que então estás safo em matéria de dinheiro, não é?», diz o rapaz chamado Corvo na voz monótona do costume. Aquele tipo de voz que se tem logo ao acordar, quando a boca ainda está seca e sabe a papel de música. Mas é bom de ver que ele está só a armar. A verdade é que não podia estar mais acordado, como de costume.

Digo que sim com a cabeça.

«Quanto?»

Faço mentalmente as contas.

«Quase quatrocentos mil ienes em dinheiro, isto sem contar com o dinheiro que conseguir levantar no multibanco. Bem sei que não é nenhuma fortuna, mas deve chegar. Por agora.»

«Nada mau», diz o rapaz chamado Corvo. «*Por agora.*»

Aceno outra vez a dizer que sim.

«Aposto que não é dinheiro dado pelo Pai Natal.»

«Podes crer que não», respondo eu.

O Corvo não disfarça um sorrisinho irónico e olha em volta.

«Palpita-me que começaste por esvaziar as gavetas. Acertei?»

Não lhe dou troco. Ele sabe perfeitamente de onde é que vem a guita, por isso não vale a pena perder tempo com perguntas de chacha. Está só a ver se me atrapalha.

«Para o caso tanto faz», diz o Corvo. «Precisas da massa. Isso é limpinho. E vais conseguir deitar-lhe a mão dê lá por onde der. Nem que tenhas de pedir, sacar ou roubar. O dinheiro é do teu pai, certo?

Que diferença é que faz? Agarra no que puderes e vê mas é se te safas. *Por agora*. Mas já pensaste no que é que vais fazer quando não sobrar nada? Olha que o dinheiro não é propriamente como os cogumelos, disso não há para aí aos pontapés, não sei se sabes. E tu precisas de te alimentar, de um sítio para dormir. Um dia a mina acaba por secar.»

«Quando chegar a altura, logo vejo», digo eu.

«*Quando chegar a altura logo vejo*», repete o Corvo, como se estivesse a pesar as palavras na palma das mãos.

Aceno com a cabeça.

«Tipo arranjar emprego ou assim?»

«Talvez», digo.

O Corvo abana a cabeça.

«Sabes, ainda tens muito que aprender na vida. Ouve uma coisa – que hipóteses tem um miúdo de quinze anos de arranjar emprego num sítio que fica no cu de Judas e onde nunca tenha posto os pés? Ainda nem sequer acabaste o secundário. Achas que alguém te ia dar emprego?»

Começo a corar. Não é preciso muito para me fazer corar.

«Esquece», diz ele. «Afinal de contas estás a acordar para a vida e eu não devia estar para aqui a dar-te cabo da cabeça com esta conversa deprimente. Já tomaste uma decisão, agora só tens de levar a tua avante. No fim de contas, a vida é *tua*. Basicamente, tens de fazer o que achares melhor, o que te dita a consciência.»

É isso mesmo. Vendo bem, é da minha vida que se trata.

«Agora, deixa-me que te diga uma coisa. Vais ser obrigado a fazer as coisas de outra maneira, vais ter de ser mais duro, se queres ir com isto para a frente.»

«Estou a fazer o melhor que posso», digo eu.

«Bem sei», replica o Corvo. «Tornaste-te muito mais forte nestes últimos anos. Aí, sou obrigado a dar a mão à palmatória.»

Volto a acenar com a cabeça.

«Mas, falando sem papas na língua, a verdade é que só tens quinze anos», continua o Corvo. «A tua vida ainda agora começou e há uma montanha de coisas que desconheces. Coisas que nem sequer te passam pela cabeça.»

Como de costume, estamos sentados um ao lado do outro no velho sofá no escritório do meu pai. O Corvo adora o escritório e

todos aqueles pequenos objectos espalhados por tudo quanto é sítio. Agora mesmo está entretido a brincar com um pesa-papéis de vidro que tem a forma de uma abelha. Se o meu pai estivesse em casa, podem crer que nunca na vida o Corvo lhe poria as mãos em cima.

«Só sei que tenho de me ir embora daqui», digo-lhe eu. «Não há outra saída.»

«Tem de ser.» O Corvo volta a colocar o pesa-papéis em cima da mesa e cruza as mãos atrás da cabeça. «Não que fugir de casa seja a solução para tudo. Não quero ser desmancha-prazeres nem nada que se pareça, mas, se fosse a ti, não me punha com grandes planos para me safar daqui. Mesmo que consigas ir longe, a distância pode não te servir de muito.

O rapaz chamado Corvo deixa escapar um suspiro e coloca a ponta do dedo por cima das pálpebras. Depois continua a conversar interiormente comigo, na escuridão dos seus olhos fechados.

«E que tal se fôssemos ao nosso jogo?», propõe ele.

«Pode ser», digo eu. Fecho os olhos e respiro fundo, lentamente.

«Okay, imagina uma terrível tempestade de areia», avança ele. «Não penses em mais nada.»

Faço como ele diz e liberto o espírito de tudo o mais. A ponto de esquecer quem sou. Fico num vazio total. Depois há coisas que começam a vir à superfície. Coisas que ambos conseguimos vislumbrar, como sempre acontece quando estamos os dois sentados no velho sofá de pele no escritório do meu pai.

«Por vezes o destino é como uma pequena tempestade de areia que não pára de mudar de direcção», diz o Corvo.

Por vezes o destino é como uma pequena tempestade de areia que não pára de mudar de direcção. Tu mudas de rumo, mas a tempestade de areia vai atrás de ti. Voltas a mudar de direcção, mas a tempestade persegue-te, seguindo no teu encalço. Isto acontece uma vez e outra e outra, como uma espécie de dança maldita com a morte ao amanhecer. Porquê? Porque esta tempestade não é uma coisa que tenha surgido do nada, sem nada que ver contigo. Esta tempestade és tu. Algo que está *dentro* de ti. Por isso, só te resta deixares-te levar, mergulhar na tempestade, fechando os olhos e tapando os ouvidos para não deixar entrar a areia e, passo a passo,

atravessá-la de uma ponta a outra. Aqui não há lugar para o sol nem para a lua; a orientação e a noção de tempo são coisas que não fazem sentido. Existe apenas areia branca e fina, como ossos pulverizados, a rodopiar em direcção ao céu. É uma tempestade de areia assim que deves imaginar.

E é exactamente isso mesmo que eu faço. Imagino uma espiral branca que se ergue, na vertical, em direcção ao céu, como uma corda grossa. Fecho os olhos com força, tapo os ouvidos com as mãos, para não deixar que os finos grãos de areia penetrem no meu corpo. A tempestade de areia aproxima-se a passos largos. Consigo sentir a pressão do ar de encontro à minha pele. Aproxima-se e *está* prestes a engolir-me.

O rapaz chamado Corvo pousa a mão ao de leve sobre o meu ombro, e é então que a tempestade se afasta.

«A partir de agora, aconteça o que acontecer, tens de te tornar o rapaz de quinze anos mais forte do mundo. Só assim é que conseguirás sobreviver. Mas para isso é preciso que tenhas consciência do que ser forte implica. Estás a perceber?»

Não respondi, sempre de olhos fechados. Só me apetece continuar assim, com a mão dele no meu ombro, e mergulhar no sono. Oíço um leve bater de asas. «Vais ser o rapaz de quinze anos mais corajoso do mundo», sussurra-me o Corvo ao ouvido, enquanto eu faço os possíveis por me deixar adormecer. Mas as suas palavras são como uma inscrição azul tatuada no mais fundo do meu coração.

E não há maneira de escapar à violência da tempestade, a essa tempestade metafísica, simbólica. Não te iludas: por mais metafísica e simbólica que seja, rasgar-te-á a carne como mil navalhas de barba. O sangue de muita gente correrá, e o *teu* juntamente com ele. Um sangue vermelho, quente. Ficarás com as mãos cheias de sangue, do teu sangue e do sangue dos outros.

E quando a tempestade tiver passado, mal te lembrarás de ter conseguido atravessá-la, de ter conseguido sobreviver. Nem sequer terás a certeza de a tormenta ter realmente chegado ao fim. Mas uma coisa é certa. Quando saíres da tempestade já não serás a mesma pessoa. Só assim as tempestades fazem sentido.

No dia em que fizer quinze anos fujo de casa e sigo viagem até uma cidade distante e ficarei aí a viver, num canto de uma pequena biblioteca qualquer. Nem uma semana chegava para contar a história toda, de fio a pavio. Por isso fico-me pelo essencial.

No dia em que fizer quinze anos fujo de casa e sigo viagem até uma cidade distante, e ficarei aí a viver, num canto de uma pequena biblioteca qualquer.

Assim dito, quase parece o início de um conto de fadas. Mas não é de um conto de fadas que se trata, acreditem. Por mais voltas que se dê à imaginação.

Não é só dinheiro o que levo do escritório do meu pai ao sair de casa. Comigo trago também um pequeno isqueiro de ouro – gosto da forma que tem e de sentir aquele peso na mão – e um canivete com uma lâmina extremamente afiada. Serve para esfolar veados, só a lâmina mede doze centímetros, e pesa que se farta. Se calhar foi uma recordação de uma das suas viagens ao estrangeiro. Deito ainda a mão a uma robusta lanterna de bolso que está guardada numa gaveta. Mais uns óculos escuros *Revo* com lentes de um azul-metálico.

Ainda penso em trazer o *Rolex Sea Oyster* preferido do meu pai. Trata-se de um magnífico relógio, mas tudo o que seja ostensivamente caro só servirá para atrair as atenções. O meu *Casio* barato de plástico com despertador e cronómetro serve lindamente e se calhar até pode dar mais jeito. Depois de alguma hesitação, volto a guardar o *Rolex* na gaveta.

Do fundo de outra gaveta tiro uma fotografia em que estou eu e a minha irmã mais velha, tirada na praia quando éramos pequenos, os dois com uma expressão forçada na cara. A minha irmã está a olhar de lado, por isso tem metade da cara na sombra e o sorriso literalmente cortado ao meio. É como uma daquelas máscaras da tragédia grega que se vêem nos livros da escola: metade exprime uma coisa, a outra metade exprime uma coisa diferente. Luz e sombra. Esperança e desespero. Alegria e tristeza. Confiança e solidão. Pela parte que me toca, estou a olhar descontraidamente em frente, para

a máquina. Não se vê mais ninguém na praia. A minha irmã e eu temos os fatos de banho vestidos – o dela, inteiro, é vermelho às flores, o meu, uns velhos calções azuis todos largueirões. Tenho qualquer coisa na mão que parece ser um tubo de plástico. A branca espuma das ondas banha os nossos pés.

Quem tirou esta fotografia, e quando e onde, não faço ideia. E por que carga de água estou com um ar tão feliz? E por que razão foi precisamente essa a única fotografia que o meu pai guardou? Mistério total.

Eu devia ter os meus três anos, e a minha irmã nove. Será que um dia fomos assim tão próximos? Não guardo a mais pequena lembrança de ter alguma vez ido à praia com a minha família. Mais, não tenho a mais pequena recordação de ter ido com eles *a parte alguma*. Para o caso tanto faz. Não faço tenções de deixar ficar a foto em casa do meu pai, por isso vamos mas é guardá-la na carteira. Da minha mãe não tenho fotografias. O meu pai deitou-as todas fora.

Depois de pensar duas vezes, decido levar o telemóvel. Assim que der pela falta dele, é provável que o meu pai dê ordem à companhia dos telefones para que seja desactivado. Atiro com ele para dentro da mochila, juntamente com o carregador. Também não pesa muito, por isso pouca diferença faz. Quando deixar de trabalhar, deito-o fora e acabou-se.

Só preciso do essencial. O mais difícil é escolher a roupa para levar. Vou precisar de duas ou três camisolas e de roupa interior. Agora, quantos pares de calças e quantas camisas? Luvas, cachecóis, calções, um casaco? A lista nunca mais acaba. De uma coisa tenho a certeza. Não pensem que vou andar por aí com uma mochila enorme às costas a que só falta um leiteiro a dizer: *Olhem, ali vai o rapaz que anda fugido!* Era meio caminho andado para ser apanhado pela polícia e mandado direitinho para casa. Isto se um gangue qualquer não me apanhasse primeiro.

Um sítio onde faça frio está fora de questão. Por isso, resta-me escolher o contrário, que é como quem diz, um sítio *quente*. Assim posso esquecer o casaco e as luvas, e levar só metade da roupa. Escolho a roupa mais leve que tenho, tudo coisas que sejam do tipo-lavar-e-secar, dobro-as cuidadosamente e meto-as dentro da mochila.

Guardo também um saco-cama para as três estações¹, que posso enrolar facilmente até ficar espalmado, artigos de higiene, um impermeável para a chuva, caderno de apontamentos e caneta, um *discman* e dez CD – sem a minha música é que não passo –, sem esquecer algumas pilhas recarregáveis. E pouco mais. Dispenso o fogão de campismo, que é muito pesado e ocupa demasiado espaço, uma vez que posso sempre comprar comida na loja mais próxima.

Demora um bocado, mas lá acabo por riscar uma data de coisas da minha lista. Acrescento outras coisas, risco-as. Depois junto mais coisas e volto a riscá-las outra vez.

O meu décimo quinto aniversário é o momento certo para fugir de casa. Antes teria sido demasiado cedo. Mais tarde, e arriscava-me a perder a oportunidade.

Durante os dois primeiros anos do secundário, nunca deixei de fazer exercício, preparando-me para este dia. Comecei a praticar judo nos dois primeiros anos do ensino básico e mesmo no secundário continuei a aparecer por lá volta e meia. Mas nunca fiz parte de nenhuma equipa na escola. Quando tinha tempo, costumava correr, nadar ou ir até ao ginásio local. Os professores novos não levavam nada por me explicar a melhor maneira de fazer exercícios de alongamento e até me ajudavam a usar os aparelhos de musculação. Ensinarão-me quais os músculos que eram usados no dia-a-dia e quais os que só com a ajuda das máquinas conseguiria exercitar, e até fiquei a saber utilizar correctamente o *bank press*. Neste ponto é preciso dizer que sou consideravelmente alto, e graças a todo este exercício desenvolvi a largura de ombros e os peitorais. As pessoas que não me conhecem costumam dar-me dezassete anos. Se eu fugisse de casa e parecesse ter a idade que tenho, imaginem os problemas que isso não causaria.

Tirando os professores no ginásio e a empregada que trabalha em nossa casa dia sim, dia não – e, claro, o mínimo de conversa

¹ O Japão conhece cinco estações do ano distintas, que ditam muitos dos festivais tradicionais. A saber, Primavera, Estação das Chuvas, Verão, Outono e Inverno. Daí a referência às três estações mais frias, que obriga os viajantes a não dispensarem o saco-cama. (*N. da T.*)

indispensável para me safar na escola –, não falo praticamente com ninguém. Durante muito tempo o meu pai e eu mal nos cruzávamos. Vivemos debaixo do mesmo tecto, mas temos um ritmo de vida completamente diferente. Ele passa a maior parte do tempo longe daqui, fechado no seu ateliê, e eu, pela parte que me toca, faço os possíveis por evitar a sua presença.

Ando numa escola particular do ensino secundário frequentada por jovens da classe alta, para não dizer que são ricos. A não ser que um aluno faça asneira da grossa, é aquele tipo de escola em que os anos lectivos se fazem com uma perna às costas e que dá automaticamente acesso à universidade. Todos os estudantes andam sempre bem vestidos, têm dentes perfeitos e só sabem é manter conversas desinteressantes. Escusado será dizer que não fiz nem um amigo. À minha volta ergui uma barreira, atrás da qual me escondo e não deixo nunca entrar os outros. Quem poderia gostar de uma pessoa assim? Todos eles me observam de longe, à socapa. Se calhar detestam-me, ou então têm receio de se aproximar de mim. Tanto faz, desde que me deixem em paz. Porque a verdade é que eu tenho uma montanha de coisas para tratar, incluindo passar grande parte do meus tempos livres a devorar livro atrás de livro na biblioteca da escola.

Apesar de tudo isso, nunca deixei de prestar atenção ao que era dito nas aulas, seguindo à letra os conselhos do rapaz chamado Corvo.

Os factos e a teoria ou lá o que vos ensinam na escola não vai servir de muito no mundo real, isso é limpinho. Podes ter a certeza de que os professores não passam quase todos de um punhado de débeis mentais. Mas uma coisa é certa: estás a preparar-te para fugir de casa. Se calhar nunca mais tens hipótese de ir às aulas, por isso, gostes ou não, o melhor que tens a fazer é aproveitar a oportunidade ao máximo. Faz de conta que és uma folha de papel mata-borrão e trata de absorver tudo o que puderes. Mais tarde logo decides o que é que te interessa reter e o que não te serve para nada.

Fiz como ele dizia. Neste ponto convém dizer que, regra geral, sigo os conselhos dele à risca. Apurei os sentidos e usei o meu cérebro como uma esponja, atento a cada palavra que era dita na sala de aulas e captando tudo, a fim de perceber o significado das coisas

e de conservar tudo na memória. Graças a isso, consegui quase sempre as notas mais altas nos exames, e sem ter de queimar as pestanas.

Os meus músculos ficaram rijos como aço, ao mesmo tempo que eu me mostrava cada vez mais metido comigo mesmo. Esforcei-me por esconder as minhas emoções para que ninguém – nem colegas nem professores – ficasse com a mínima ideia do que me passava pela cabeça. Não tardaria a ser atirado às feras no mundo dos adultos, e sabia que teria de ser mais forte do que todos os outros, isto se queria sobreviver.

Os olhos que vejo reflectidos no espelho são frios como os de um lagarto, e a minha expressão dura e impenetrável. Não me lembro da última vez que soltei uma gargalhada ou que lancei um sorriso de esguelha a outra pessoa qualquer. Nem sequer a mim próprio arranquei um sorriso.

Não estou a querer insinuar que esta fachada, feita de silêncio e solidão, seja para durar sempre. Por vezes, o muro que ergui em meu redor desmorona-se. Não acontece muitas vezes, mas volta e meia, inesperadamente, lá dou por mim exposto aos olhos do mundo, nu e completamente desnorteado. Nessas alturas, costumo ter um pressentimento que me atrai para as profundezas de um lago de águas negras e turvas.

Um lago de águas negras e turvas.

O mais provável é ter estado sempre ali, escondido algures. Mas, quando chega a hora, extravasa silenciosamente, gelando todas as células do corpo. Afogas-te nessa torrente cruel, lutando para respirar. Sobes até alcançar um respiradouro ao pé do tecto, sem nunca deixares de te debater, mas o ar que chega até aos teus pulmões é quente e seco e queima-te a garganta. Água e sede, frio e quente – estes elementos, aparentemente opostos, combinam-se para te subjugar.

O mundo é um espaço imenso, mas não vislumbras o espaço que te está reservado, e que nem sequer precisa de ser muito grande, bastando qualquer cantinho. Procuras uma voz, e o que é que encontras? O mais profundo silêncio. Procuras o silêncio, mas só consegues ouvir a voz da profecia. E por vezes esta voz profética acciona um interruptor secreto bem escondido lá no fundo do teu cérebro.

O teu coração é como um grande rio depois de uma forte chuvada que transborda, invadindo as margens. Todos os postes de sinalização que em tempos existiram no local desapareceram, inundados e arrastados pela corrente. E a chuva continua a cair desalmadamente sobre o leito do rio. De todas as vezes que observas nas notícias uma paisagem devastada pela força da corrente, como essa, repetes a ti próprio: É exactamente assim que o meu coração se sente.

Antes de fugir de casa, passo as mãos e a cara por água, aparo as unhas, lavo as orelhas e escovo os dentes. Demoro uma eternidade a lavar-me, até ficar com a certeza de ter o corpo todo bem esfregado. Andar bem limpo é muitas vezes o mais importante de tudo. Olho para a minha cara no espelho. Os genes que herdei do meu pai e da minha mãe – apesar de eu não me recordar minimamente dela – ajudaram a criar a este rosto. Posso fazer os possíveis para não deixar transparecer as minhas emoções, posso impedir os meus olhos de revelarem seja o que for, posso aumentar os músculos, mas pouco ou nada posso fazer para mudar de cara. Não me posso livrar das sobrancelhas longas e espessas, separadas por rugas profunda, iguazinhas às do meu pai. Se quisesse, poderia matá-lo – com a força que tenho, não teria a mínima dificuldade – e apagar da memória a recordação da minha mãe. Mas não há forma de apagar o DNA que eles me transmitiram. Se quiser livrar-me dele, tenho de arranjar maneira de me ver livre de *mim próprio*.

Há nisto um presságio. Um mecanismo interior que serve para me programar.

Um mecanismo interior que serve para te programar.

Apago a luz e saio da casa de banho. Um silêncio pesado e opressivo reina por toda a casa. O rumor de pessoas que não vivem ali, o hálito dos que estão mortos. Fico ali parado, a olhar em volta, e respiro fundo. O relógio indica que pouco passa das três da tarde. Frios e distantes, os dois ponteiros parecem imparciais, mas a verdade é que não estão do meu lado. Está quase na hora de me despedir destas paragens. Pego na mochila e ponho-a aos ombros. Apesar de já estar mais do que habituado a carregar com ela, parece-me agora muito mais pesada.

O meu destino é Shikoku. É para aí que me proponho seguir viagem. Não que exista alguma razão especial para ter escolhido Shikoku. Mas ao estudar o mapa tive o palpite de que deveria seguir esse rumo. Quanto mais olho para o mapa – para dizer a verdade, de todas as vezes que me debruço sobre o mapa –, mais sinto que Shikoku chama por mim. Fica muito mais a sul do que Tóquio, separada do continente pelo mar, e possui um clima temperado. Nunca ali estive, não tenho amigos nem conheço lá ninguém. Por isso, no caso de andarem à minha procura, coisa que duvido que haja alguém que faça, Shikoku seria o último lugar que lhes passaria pela cabeça.

Vou ao balcão levantar o bilhete com lugar reservado e meto-me no autocarro da noite. É a maneira mais económica de chegar a Takamatsu, custa pouco mais de dez mil ienes. Ninguém me liga nenhuma, pergunta que idade tenho ou olha para mim duas vezes. Por dever de ofício, o condutor do autocarro confere maquinalmente o meu bilhete.

Apenas um terço dos lugares estão ocupados. Tal como eu, também a maioria dos passageiros viajam sozinhos, e no autocarro reina um silêncio fora do normal. A viagem até Takamatsu é bastante longa. A acreditar no horário, demora cerca de dez horas, pelo que devemos lá chegar de manhãzinha cedo. Mas a mim tanto me faz. Tenho muito tempo. O autocarro sai do terminal pouco depois das oito, e eu inclino o meu assento para trás. Mal acabo de me instalar, a minha consciência começa a apagar-se, como uma pilha que ficou sem carga, e adormeço.

A meio da noite começa a cair uma forte chuvada. Acordo de tempos a tempos, espreito por entre as cortinas de tecido grosseiro e fico a ver a auto-estrada deslizar na noite. Pingos de chuva tamborilam no vidro, transformando numa mancha esborratada a luz dos candeeiros que ao longo do trajecto se perdem na distância a intervalos regulares como se tivessem sido alinhados com o propósito de medir a terra. Uma nova luz aproxima-se rapidamente e desaparece no instante seguinte. Olho para o relógio e vejo que passa da meia-noite. Empurrado automaticamente para a frente, anuncia-se o meu décimo quinto aniversário.

«Muitos parabéns», diz o rapaz chamado Corvo.

«Obrigado», respondo eu.

Como uma sombra, a profecia persegue-me. Depois de me certificar de que a parede à minha volta continua no seu lugar, fecho a cortina e volto a adormecer.

